



## Corridas de obstáculos

# A

cordo decidido e delibero, para júbilo da atmosfera: “Hoje vou a pé para o comboio.” Por norma, levo o carro e deixo-o algures perto da estação. Trajecto curto, motor frio e velocidades baixas, porém, resultam em maiores emissões relativas de CO<sub>2</sub>. O dano ambiental por quilómetro rodado é maior.

“Vou a pé”, determino, portanto. E vou.

Saio de casa e desço a minha rua, consciente de que não é dos percursos mais mirabolantes, em termos paisagísticos e funcionais. O primeiro obstáculo não demora a aparecer: um carro sobre o passeio. Não é um automóvel qualquer, mas um brutamontes desses que estão na moda – os SUV – de dimensões inversamente proporcionais à consciência ecológica do dono. Além de grande, o carro encontra-se num ângulo tal que é impossível escalá-lo e passar-lhe por cima, que é o que às vezes faço. Dou a volta ao jipe pela rua.

Mais à frente, novos automóveis populam o espaço em tese destinado aos transeuntes, desta vez diante de um bar de alterne. Os respectivos condutores possivelmente ainda convalescem. Há algum espaço para passar, mas é de lado, encolhendo a barriga.

Tudo corre bem nos dez metros seguintes, até que me deparo com o omnipresente ecoponto. Os três contentores – o amarelo, o verde, o azul – reverencialmente ornados com excedentes da reciclagem espalhados pelo chão barram-me o caminho natural, que seria em linha recta.

Contornado o ícone do bom samaritano ambiental, eis que o passeio desaparece. Alguém deve ter julgado que não era mais necessário. Ressurge mais adiante, mas em versão limitada. É apenas uma estreita língua de calçada, sobre a qual os pés só cabem em fila indiana. Sob equilíbrio periclitante, não há alternativa. Volto para a rua, partilhando-a com carros que vêm na minha direcção, em amena fraternidade.

Mal se alarga novamente o passeio, são os automóveis que, sedentos de estacionamento, o ocupam. Não me resta senão prosseguir pela rua, onde por pouco não sou civicamente aniquilado por um camião de cerveja. Do ponto de vista ético, convenhamos, seria um final em grande.

Enfim, atinjo uma zona onde o passeio, protegido por pilaretes, está de facto reservado aos peões – por clamorosa incompetência do urbanizador. Regozijo-me e, absorto em pensamentos semiluxuriantes sobre a qualidade de vida, respiro fundo. E a inalação dos humores circundantes é o que me safa. Evito, *in extremis*, o contacto pedestre com um testemunho da biodiversidade canina, depositado bem no meio do caminho. O animal devia ser dos grandes, porque a coisa é de porte substantivo, passível tanto de pisoteio como de pontapé.

Já lá vão cinco minutos de caminhada e começo a ficar cansado do ziguezague. Sou ultrapassado por uma mulher que deve fazer aquele trajecto todos os dias. Contorna os obstáculos com tal destreza que me fixo na sua retaguarda, à guisa de farol, e sigo as suas manobras. Compreensivelmente, desconcentro-me. E dou de caras com um camião a descarregar material de construção, cujo motorista, com 50 quilos de cimento às costas, olha para mim com ar de poucos amigos. Penso no princípio da precaução, pondero os riscos e regresso à estrada. Pouco mais adiante, o passeio afunila-se de novo. Desta vez, ando com um pé na calçada e o outro na rua, indiferente às possíveis consequências ortopédicas do acto. Um poste – sempre há um poste no caminho – acaba por inviabilizar o passo coxo, e novamente junto-me aos automóveis. Mas já estou perto, falta pouco.

Na descida final, o passeio, já de si fininho, é abolido por completo. Naquela rua, o asfalto até é novo, mas as autoridades rodoviárias, lineares, esqueceram-se de quem anda a pé. O último obstáculo é a travessia de uma via movimentada. Surpreendentemente, o sinal para peões está verde. Cogito jogar na lotaria.

Finalmente, chego à estação. O comboio acabou de passar, mas não importa. Deixei o carro em casa e quase morri por isso. Mas vou para Lisboa com a consciência livre de carbono. Viva a mobilidade sustentável! ●

Jornalista  
rgarcia@publico.pt

**Deixei o carro em casa e quase morri por isso. Mas vou para Lisboa com a consciência livre de carbono**